

AS FORMAS DE INSERÇÃO NA CIVILIZAÇÃO INDUSTRIAL E A QUESTÃO DA DEPENDÊNCIA: UMA ANÁLISE DAS CONTRIBUIÇÕES DE CELSO FURTADO

Rafael Unger¹

Mestrando em Desenvolvimento Econômico (História Econômica) – IE/UNICAMP

rafa_unger@hotmail.com

Resumo

Celso Furtado é um dos maiores autores da historiografia brasileira, capaz de se inserir em debates como a teoria do desenvolvimento até temáticas mais específicas da sociedade brasileira, como os temas da dependência e do subdesenvolvimento. O autor fornece a seus leitores alguns elementos relevantes para compor o debate maior. O objetivo deste artigo é extrair estes princípios a partir da inserção brasileira na civilização industrial pela via indireta e de sua conseqüente diversificação da demanda à frente da capacidade produtiva interna, e seus efeitos em momento posterior, da industrialização substitutiva de importações, bem como entender o papel da empresa estrangeira a partir do pós-guerra.

Palavras-Chave

Celso Furtado; dependência; inserção indireta; industrialização; subdesenvolvimento.

Abstract

Celso Furtado is one of the greatest authors of Brazilian historiography, capable of being inserted in debates such as the theory of development to more specific themes of Brazilian society, such as the issues of dependence and underdevelopment. The author provides his readers with some relevant elements to compose the larger debate. The purpose of this article is to extract these principles from the Brazilian insertion in the industrial civilization by the indirect way and its consequent diversification of the demand ahead of the internal productive capacity, and its effects in a later moment, of the import substitution industrialization, as well as to understand the role of the foreign company from the post-war period.

Keywords

Celso Furtado; dependency; indirect insertion; industrialization; underdevelopment.



As Formas De Inserção Na Civilização Industrial E A Questão Da Dependência: Uma Análise Das Contribuições De Celso Furtado – Rafael Unger

1. Introdução

O assunto da dependência externa no Brasil requer de seus estudiosos um trabalho extremamente minucioso, vista a grande quantidade de trabalhos de diversos autores sobre o tema. Contudo, neste espectro maior de inúmeros trabalhos, alguns autores são considerados clássicos dentro da historiografia brasileira, não apenas pelas contribuições por si só, mas também por inspirarem, em maior ou menor medida, a maioria dos outros trabalhos. E um desses grandes autores é Celso Furtado, autor que inspira este artigo. Nosso esforço aqui não é esgotar as temáticas da dependência e do subdesenvolvimento para o autor, mas sim extrair alguns elementos essenciais para compreender alguns dos mecanismos pelos quais a dependência externa se plasmou na sociedade brasileira, bem como ela se aprofunda com o processo de industrialização substitutiva de importações. Além disso, é importante perceber como o autor coloca desenvolvimento e subdesenvolvimento como fenômenos simultâneos dentro da divisão internacional do trabalho.

Após esta breve introdução, o artigo se dividirá em três partes: 1) a primeira delas visa compreender como o autor coloca esta discussão em termos das formas de inserção no que este denomina de “civilização industrial” e como esta inserção se dá de forma distinta da ocorrida nos países centrais; 2) como a dependência moldada pela inserção indireta se aprofunda a partir da industrialização via substituição de importações, caminho este que é resultado da dependência e que é fator explicativo do aprofundamento desta; 3) compreender qual o papel da empresa estrangeira neste processo, principalmente após o término da II Guerra Mundial. Posteriormente, serão feitas algumas considerações finais.

2. As duas formas de inserção na civilização industrial

Celso Furtado, nosso autor em questão, dedicou boa parte de seus escritos visando compreender os fatores que originam e que são fundamentais para o subdesenvolvimento,



As Formas De Inserção Na Civilização Industrial E A Questão Da Dependência: Uma Análise Das Contribuições De Celso Furtado – Rafael Unger

partindo da visão de centro-periferia de Prebisch¹, mas não se limitando a esta. Além disso, o autor também pode ser inserido dentro do conjunto de autores que tratam a temática da dependência externa². Ao pensar estas temáticas em relação à América Latina e, principalmente, ao Brasil, o autor coloca tais debates à luz das diferentes formas de inserção destes países na civilização industrial em comparação com os países centrais.

Para o autor, existem duas maneiras principais nas quais pode ocorrer esta inserção: a) pelo desenvolvimento tecnológico das forças produtivas e da consequente incorporação de um padrão de consumo atrelado às forças produtivas internas; e b) diversificação da demanda por bens de consumo à frente do desenvolvimento das forças produtivas, a partir do contato de uma minoria da população através do comércio exterior (Furtado, 1983; 2000b)³. Para Furtado (1978; 2000b), é essa assimilação tecnológica à frente da capacidade produtiva que caracteriza o subdesenvolvimento, que impacta no desenvolvimento posterior da produtividade interna⁴:

“O subdesenvolvimento é fruto de um desequilíbrio na assimilação das novas tecnologias produzidas pelo capitalismo industrial, o qual favorece as inovações que incidem diretamente sobre o estilo de vida. Essa proclividade à absorção de inovações nos padrões de consumo tem como contrapartida o atraso na absorção de técnicas produtivas mais

¹ Em muitos dos livros aqui citados, Furtado dedica algumas páginas ou até capítulos para expor a visão de Prebisch. Destaque para a obra “Brasil: a construção interrompida” (Furtado, 1992a).

² “Celso Furtado construiu um vasto e profícuo pensamento sobre as origens e as características do subdesenvolvimento, abarcando em sua Teoria do Subdesenvolvimento outras duas grandes vertentes da economia política latino-americana, sejam elas, o sistema centro-periferia e a dependência. Tal abordagem conjuga uma profunda reflexão sobre a geração, difusão e assimilação do progresso técnico com as raízes históricas e culturais do subdesenvolvimento, sendo a tecnologia uma das vias mais intensas de mudança cultural dos povos. Com isso, soma-se às características típicas das formações subdesenvolvidas mais esta: a influência dos valores culturais dos países geradores de progresso tecnológico e líderes do processo de acumulação de capital em escala mundial” (Borja, 2009, p. 248).

³ “Furtado destaca que existem duas vias de difusão do progresso técnico, a assimilação de produtos finais de consumo e a assimilação de processos produtivos” (Borja, 2009, p. 250).

⁴ Furtado também afirma que “o que caracteriza uma economia dependente é que nela o progresso tecnológico é criado pelo desenvolvimento, ou melhor, por modificações estruturais, que surgem inicialmente do lado da demanda, enquanto nas economias desenvolvidas o progresso tecnológico é, ele mesmo, a fonte do desenvolvimento. De uma perspectiva mais ampla, cabe reconhecer que o desenvolvimento de uma economia dependente é o reflexo do progresso tecnológico nos polos dinâmicos da economia mundial. Contudo, convém analisar que o elemento dinâmico não é a irradiação do progresso tecnológico, e sim a deslocação da curva de demanda. Desta forma, do ponto de vista do país dependente, o desenvolvimento surge como uma modificação na estrutura produtiva” (Furtado, 1978, p. 134-135).



As Formas De Inserção Na Civilização Industrial E A Questão Da Dependência: Uma Análise Das Contribuições De Celso Furtado – Rafael Unger

eficazes. É que os dois métodos de penetração de modernas técnicas se apoiam no mesmo vetor, que é a acumulação. Nas economias desenvolvidas existe um paralelismo entre a acumulação nas forças produtivas e diretamente nos objetos de consumo. O crescimento de um requer o avanço da outra. É a desarticulação entre esses dois processos que configura o subdesenvolvimento”. (Furtado, 1992a, p. 41-42)

Segundo Furtado (2000b), este acesso por parte das elites periféricas só foi possível a partir da expansão da civilização industrial para as regiões “pré-capitalistas”. O efeito deste movimento criou nestes países estruturas *dualistas*, contrastando internamente padrões modernos de consumo, de um lado, e formas de produção pré-capitalistas, com padrões precários de consumo, introduzindo novas contradições internas (Furtado, 2000b; Borja, 2009). Este assimilação por parte da demanda sem uma correspondente transformação produtiva que a acompanhasse é o que Furtado denomina por “modernização” em sua obra (principalmente a partir d’O Mito do Desenvolvimento Econômico), que é responsável pelo aprofundamento da dependência externa, seja pela necessidade da importação dos bens de consumo em um primeiro momento, seja posteriormente com a industrialização substitutiva (restrições à capacidade de importação e pela atuação do capital internacional, este mais atuante principalmente no pós-II guerra), sendo responsável pela transferência de boa parte do excedente gerado internamente para as regiões desenvolvidas do capitalismo.

Furtado (1974) destaca a rapidez com que os países subdesenvolvidos se tornaram rapidamente consumidores dos bens decorrentes da acumulação de capital e do progresso tecnológico que ocorria nos países desenvolvidos do sistema, em virtude da crescente concentração de renda nas mãos das elites nativas⁵, processo este progressivamente basilar nas sociedades periféricas. Isso fez com que estas elites passassem cada vez a não se identificarem culturalmente com o restante da população nativa, mas sim com os povos dos países centrais⁶:

⁵ Segundo o próprio Furtado: “Pelo fato de o acesso a novos produtos ser, com raras exceções, limitado, pelo menos durante uma fase inicial, a uma minoria formada por pessoas de altas rendas, o desenvolvimento baseado principalmente na introdução de novos produtos corresponde a um processo de concentração de renda” (Furtado, 1974, p. 96).

⁶ Sobre o assunto, Bruno Borja afirma: “As teses da burguesia associada encontram aí sua razão última de ser, pois é pela dominação cultural que a burguesia local se identifica mais com a grande burguesia



As Formas De Inserção Na Civilização Industrial E A Questão Da Dependência: Uma Análise Das Contribuições De Celso Furtado – Rafael Unger

“Aspecto fundamental, que se pretendeu ignorar, é o fato de que os países periféricos foram rapidamente transformados em importadores de novos bens de consumo, fruto do processo de acumulação e do progresso técnico que tinha lugar no centro do sistema [...]. As elites locais estiveram, assim, habilitadas para seguir de perto os padrões de consumo do centro, a ponto de perderem contato com as fontes culturais dos respectivos países”. (Furtado, 1974, p. 79-80)

Esta diversificação da demanda interna dessas elites, isto é, este processo de mimetização cultural, torna-se cada vez mais dependente de transferências cada vez maiores do excedente interno para o exterior, tornando o fenômeno da dependência “em algo dificilmente reversível” (Furtado, 1974, p. 87). Fato este que torna os desequilíbrios do balanço de pagamentos crônicos e cada vez menos reversíveis (Borja, 2009).

Esta diferenciação das formas de inserção na civilização industrial é o ponto central da estrutura centro-periferia, que impactará posteriormente na redução do potencial de homogeneização social que a industrialização por substituição de importações teria. Além disso, esta diferenciação é fundamental para a natureza dos fenômenos de desenvolvimento e subdesenvolvimento. É importante compreender que o autor coloca tais fenômenos “como situações históricas distintas, mas derivadas de um mesmo impulso inicial e tendendo a reforçar-se mutuamente” (Furtado, 2000a, p. 27). Ou seja, o subdesenvolvimento não é uma etapa para o desenvolvimento, mas um subproduto deste, reforçado pelo desenvolvimento dos países avançados (Furtado, 2000b). A partir deste cenário, Celso Furtado é enfático ao colocar a possibilidade do desenvolvimento econômico das nações periféricas como um “mito”:

“[...] o desenvolvimento econômico – a ideia de que os povos pobres podem algum dia desfrutar das formas de vida dos atuais povos ricos – é simplesmente irrealizável. Sabemos agora de forma irrefutável que as economias da periferia nunca serão desenvolvidas, no sentido de

internacional do que com as raízes culturais de seu país. Identifica-se cultural e ideologicamente, e trata de transferir para suas relações internas estes valores culturais e ideológicos, de forma que o poder hegemônico no sistema mundial ganha com isso legitimidade e aceitação dentro da periferia – que vê no centro os verdadeiros representantes do interesse comum e do ideal civilizatório em que se espelha para nortear o desenvolvimento de suas forças produtivas” (Borja, 2009, p. 259).



As Formas De Inserção Na Civilização Industrial E A Questão Da Dependência: Uma Análise Das Contribuições De Celso Furtado – Rafael Unger

similares às economias que formam o atual centro do sistema capitalista. [...] Cabe, portanto, afirmar que a ideia de desenvolvimento econômico é um simples mito”. (Furtado, 1974, p. 75)

Para Furtado (2003), a industrialização substitutiva brasileira tem duas fases internas principais: a primeira delas, entre a segunda metade do século XIX e 1929, é alavancada pela expansão do setor exportador e sua conseqüente concentração de renda; a segunda, nas três décadas posteriores, de maior vigor, tem nas limitações da capacidade para importar o seu fator estimulante (necessidade de suprir a demanda interna que não poderia ser atendida plenamente pelo comércio exterior) e seu fator limitante (restrições para a aquisição de máquinas e equipamentos de maior teor tecnológico).

Na primeira fase, segundo Furtado (2000a), existiam três modalidades de indústrias nas zonas periféricas: a) indústrias ligadas de forma direta ao setor exportador; b) indústrias que complementavam etapas do processo produtivo de bens importados (geralmente etapas finais de montagem); c) indústrias com algum tipo de proteção contra a concorrência. Alguns problemas também podem ser enumerados neste período, a partir de Furtado (1983): 1) dispersão geográfica; 2) deficiências no setor de transportes, com seus esforços muito mais destinados ao setor primário-exportador; 3) falta de vínculo e complementariedade entre as indústrias internas. A próxima seção explorará como o autor via esta segunda fase, bem como a questão da dependência com a industrialização em ritmo mais acelerado.

3. A industrialização e o aprofundamento da dependência

Analisar o período da industrialização brasileira, principalmente na segunda fase, consiste em um importante esforço de compreensão não apenas do caráter do processo e da importância do Estado⁷, mas também (e, principalmente) em prol do descortinar da

⁷ Sobre o papel do Estado, Furtado (1962; 1978) afirma que o desenvolvimento industrial brasileiro entre as décadas de 30 e 60 decorreu muito mais das mudanças impostas pela forma de inserção brasileira na civilização industrial e as transformações mundiais do que de uma ação consciente estatal



As Formas De Inserção Na Civilização Industrial E A Questão Da Dependência: Uma Análise Das Contribuições De Celso Furtado – Rafael Unger

influência da modernização (nos termos de Furtado, já citados aqui) para moldar a sociedade brasileira (Furtado, 1974), explicando também como se torna possível uma elevação do produto global interno (inclusive em termos *per capita*) sem que o país consiga se desvencilhar dos laços da dependência e do dualismo interno, que se acentuam ainda mais com a industrialização substitutiva (Furtado, 2000b). Furtado chama este período de “fase superior do subdesenvolvimento” (Furtado, 2000b, p. 202).

O próprio caminho trilhado em prol da industrialização via substituição de importações é sintomático. Para Furtado (1992b), esta trajetória era a que oferecia menor resistência, considerando a modernização prévia e a crise do setor exportador, acentuada com a crise de 1929, que não apenas deixava de enfrentar o subdesenvolvimento, mas o reiterava. Optar por uma alternativa diferente só seria possível com uma luta consciente pela via política contra esse processo de modernização, visando uma correção do descolamento entre padrão de consumo e capacidade produtiva interna. Como esta luta contra a modernização não ocorreu, cabe neste momento compreender como se deu a industrialização substitutiva em si.

Segundo Furtado (1992b; 2000b), a substituição parte de alguns processos produtivos de complemento da produção exterior, se expandindo para outros processos de maior complexidade de forma limitada pela própria atividade importadora e sua capacidade dependente do setor exportador. Além disso, é preciso pontuar que o progresso tecnológico, ao contrário dos países centrais, começa pelas indústrias de bens de consumo com baixo coeficiente tecnológico e pequenas exigências de capital, e não por setores de maior complexidade. Contudo, à medida que se acentua a evolução industrial (num processo de mimetização não só dos padrões de consumo, mas também das estruturas produtivas⁸), elevam-se as exigências tecnológicas e de capital, pressionando os níveis de preço para cima, dado o baixo potencial de captação de poupança interna. Ou seja, grande parte do processo inflacionário dos países dependentes (bloco que o Brasil se insere e é um dos mais profícuos exemplos) decorre da natureza

em prol desta industrialização. Ou seja, o que o Estado fez em prol da industrialização no período tem um caráter muito mais reativo do que ativo.

⁸ Para ver mais sobre o assunto, ver Borja (2009).



As Formas De Inserção Na Civilização Industrial E A Questão Da Dependência: Uma Análise Das Contribuições De Celso Furtado – Rafael Unger

substitutiva da industrialização nacional e da própria diversificação prévia da demanda, que exige da capacidade produtiva mais do que ela pode oferecer.

As atividades industriais que começam com maior vigor são aquelas que já existiam previamente, com capacidade disponível para expansão da produção, o que significa a não existência de transformações qualitativas no início do processo substitutivo. As indústrias de maior teor tecnológico e que são mais centrais para um processo de industrialização de maior vigor se mantiveram por um bom tempo ainda no exterior, ainda que existissem em alguns países (como o Brasil) algumas empresas destes setores. Mas grande parte do que surge desses setores nos países periféricos posteriormente permanece nas mãos do capital estrangeiro:

“A industrialização de substituição de importações tinha como base as atividades industriais preexistentes. Ela constituía certamente um avanço com respeito ao que se havia feito anteriormente, mas não uma mudança qualitativa. As novas atividades orientavam-se pela demanda final, como um edifício que se constrói de cima para baixo. A base do edifício – as indústrias de insumos básicos e de equipamentos – continuava no exterior”. (Furtado, 2000a, p. 113)

Conforme afirma Furtado (1981), outro fator relevante é que este tipo de industrialização não traz alterações estruturais dentro da composição da pauta de exportações, que continuava ainda extremamente dependente do setor primário, mas exercia elevadas pressões sobre a pauta de importações, considerando os estrangulamentos externos impostos pelo setor externo⁹. O autor em questão reconhece o valor do esforço de alguns Estados periféricos para a criação de indústrias de base, mas de modo algum vê nesses esforços uma mudança qualitativa pelos seguintes motivos:

⁹ “No caso da substituição de importações, a evolução do comércio exterior era praticamente inversa: a diversificação do sistema produtivo pouco ou nenhum efeito tinha sobre a composição das exportações, que continuavam a girar em torno de uns poucos produtos primários, e afetam as importações fazendo-as mais sofisticadas. Com efeito, na medida em que avançava o processo substitutivo, as importações se tornavam mais “incompressíveis”, aumentando o peso relativo de matérias-primas que não podiam, ou ainda não podiam, se produzidas localmente e de bens cuja produção requeria vultosos investimentos ou avançada tecnologia” (Furtado, 1981, p. 41-42).



As Formas De Inserção Na Civilização Industrial E A Questão Da Dependência: Uma Análise Das Contribuições De Celso Furtado – Rafael Unger

“A iniciativa dos Estados no sentido da criação de indústrias de base deu certamente maior espessura à atividade industrial, mas de nenhuma forma modificou qualitativamente o quadro que vimos de descrever, cujas características principais eram as seguintes: a) dependência vis-à-vis da exportação de uns poucos produtos primários; b) dependência crescente com respeito à tecnologia utilizada, mesmo quando se desenvolvia uma indústria local de equipamentos; c) demanda demasiadamente diversificada, relativamente ao nível de acumulação alcançado; e d) não aproveitamento pleno das possibilidades da tecnologia utilizada, em razão da dispersão dos investimentos”. (Furtado, 2000a, p. 116)

Em síntese, a industrialização via substituição de importações objetiva a adaptação da estrutura produtiva às demandas diversificadas das elites modernizadas, o que, segundo Furtado, a “desvincula do sistema de forças produtivas preexistente” (Furtado, 2008, p. 75), levando a baixos estímulos quanto à geração de empregos, reproduzindo os laços da dependência externa pela inserção de elementos de dualismo na própria capacidade produtiva (Furtado, 1974; 2008).

Após compreender alguns aspectos sobre a industrialização substitutiva, é importante compreender um pouco do papel da grande empresa, que se acentua no pós-guerra, considerando todas as questões já abordadas.

4. O papel da empresa estrangeira

Como exposto na seção anterior, as empresas estrangeiras participaram de forma importante em todo o processo de industrialização de substituição de importações. Segundo Furtado (1981), por ter esse caráter substitutivo, a industrialização auxiliada pelas empresas dos países centrais cria novas condições de dependência: de tecnologia e insumos produzidos apenas no exterior, principalmente. Esse novo padrão de dependência abrirá posteriormente caminho para o aprofundamento da industrialização condicionado pela nova divisão internacional do trabalho, que erige no pós-II guerra,



As Formas De Inserção Na Civilização Industrial E A Questão Da Dependência: Uma Análise Das Contribuições De Celso Furtado – Rafael Unger

claramente condicionada pelos objetivos das multinacionais (principalmente estadunidenses) ¹⁰.

Essa nova divisão internacional do trabalho deriva de transformações estruturais que ocorrem primeiramente no centro. Dessas transformações, duas delas merecem considerável destaque: 1) a aceleração do crescimento do centro, oriundo da maior concentração e centralização de capital das grandes empresas do centro; e 2) a transformação das operações do comércio exterior entre países centrais e periféricos em operações internas dessas multinacionais¹¹, que expandem sua produção para a periferia em busca de maximização dos lucros via redução do custo de mão-de-obra, utilizando-se muitas vezes de tecnologias menos avançadas e maquinário já amortizado no exterior (Furtado, 1974; 1983).

“A verdade é que a grande empresa tem como diretriz máxima expandir-se e para isso ela tende a ocupar posições nas distintas áreas do sistema capitalista. Os países do centro do sistema constituem, de muito, as áreas mais importantes, razão pela qual o esforço tecnológico está principalmente orientado para atuar nesses países. Os planos de produção nos países periféricos estão condicionados por essa orientação tecnológica e os mercados internos desses países são moldados à conveniência da ação global da empresa”. (Furtado, 1974, p. 53)

Sobre as grandes empresas, é importante adicionar que estas não se dedicavam a apenas um setor ou setores interligados a poucas cadeias produtivas, mas se

¹⁰ Furtado, sobre o papel dos Estados Unidos no período posterior à II Guerra Mundial, afirma: “No período que se seguiu à Segunda Guerra Mundial e se estendeu até fins dos anos 50, os Estados Unidos se beneficiaram de amplo saldo comercial em conta corrente, o que lhes permitiu financiar vultosos gastos no exterior e acumular enormes reservas de câmbio” (Furtado, 1992a, p. 65). Além disso, adiciona em outra obra, sobre a empresa americana e a prévia industrialização substitutiva no Brasil: “A penetração dos conglomerados norte-americanos nas indústrias manufatureiras da América Latina é fenômeno posterior à grande depressão dos anos trinta. É a partir da segunda guerra mundial que essa penetração alcança grande intensidade, particularmente naqueles países, como o Brasil, que já haviam passado por uma primeira fase de desenvolvimento industrial” (FURTADO, 1978, p. 54).

¹¹ “Na lógica das empresas transnacionais, as relações externas, comerciais ou financeiras, são vistas, de preferência, como operações internas da empresa [...]. As decisões sobre o que importar e o que produzir localmente, onde completar o processo produtivo, a que mercados internos e externos se dirigir são tomadas no âmbito da empresa, que tem sua própria balança de pagamentos externos e se financia onde melhor lhe convém” (FURTADO, 1992a, p. 32).



As Formas De Inserção Na Civilização Industrial E A Questão Da Dependência: Uma Análise Das Contribuições De Celso Furtado – Rafael Unger

diversificaram e se diferenciaram em vários setores, em busca da redução dos riscos ligados aos setores em específico, além de obterem maior poder financeiro para expansão de suas atividades (Furtado, 2003) ¹².

Segundo Furtado (1978), um dos problemas dessa predominância da empresa estrangeira, principalmente norte-americana, em setores de maior dinamismo econômico, está na própria tomada de decisões destas empresas: como suas decisões se baseiam nos processos de concorrência em que estão inseridos internacionalmente e em suas próprias capacitações, há um descolamento entre estes objetivos e os objetivos locais dos países periféricos, principalmente em relação à lógica de um “sistema econômico nacional”, em prol “de interesses específicos de uma coletividade nacional” (FURTADO, 1978, p. 54):

“[...] diferentemente da antiga economia internacional, baseada em um mercado internacional de produtos, a nova começou a definir-se como um sistema de decisões de âmbito multinacional, cuja coerência deriva de critérios valorativos estabelecidos a partir da realidade interna da economia norte-americana. Esta última, ao conservar uma margem grande de autonomia para com o resto do mundo, estaria em condições privilegiadas para exercer o papel de centro estabilizador e orientador da economia mundial”. (FURTADO, 1978, p. 60)

Em segundo lugar, conforme Furtado (1983), há um duplo processo de adaptação. De um lado, as empresas multinacionais tiveram que se adaptar às estruturas atrofiadas de mercado interno dos países periféricos, inserindo nestes países apenas pequenas miniaturas de suas estruturas nos países centrais, mantendo as principais áreas de maior densidade tecnológica nos países centrais, ou se utilizando de empresas estatais locais. Por outro lado, os países em que essas empresas penetravam também precisaram passar por um processo de padronização de seu consumo interno¹³, ainda que houvesse grande estratificação destes novos mercados consumidores. Isso era feito a fim de garantir

¹² No texto citado, Furtado (2003) afirma que este fato contrariava a lógica das teorias econômicas tradicionais.

¹³ Essa padronização do consumo auxiliou o processo político de controle das elites dominantes, importante para explicar o apoio à estrutura estatal em prol das empresas externas. Para este assunto, ver Furtado (2008).



maiores ganhos às empresas estrangeiras em relação a economias de escala, bem como para reforçar suas vantagens de controle da tecnologia dos produtos consumidos.

Outra questão é o processo que Furtado designa de “distanciamento das formas de vida” (Furtado, 1974, p. 69) das minorias dominantes em relação ao conjunto maior da população, por meio de um padrão de consumo determinado pela ação das empresas multinacionais, o que as coloca em maior consonância com os interesses dos países centrais e, principalmente, das grandes empresas, do que de suas populações locais, o que impactará na própria estrutura dos Estados periféricos. Estes Estados passam a modernizar-se em grandes estruturas burocráticas, contudo sem romper com as condições de dependência, mas sim o colocando a serviço dos interesses dos grandes grupos internacionais (Furtado, 1974; 2008) ¹⁴.

5. Considerações finais

Celso Furtado, como a grande maioria dos grandes autores, tem sim algumas insuficiências em sua argumentação teórica¹⁵, mas isso não o torna menor dentro das temáticas que aborda. Este artigo procurou mostrar algumas destes assuntos em que Furtado traz contribuições das mais relevantes para o estudo da sociedade brasileira.

Primeiramente, a questão da inserção na civilização industrial pela via indireta cria estruturas dualistas nas áreas periféricas, que serão basilares para sua conceituação

¹⁴ Borja reforça como esse distanciamento também assume um caráter cultural de extrema importância: “Através das empresas transnacionais, que impõem um determinado padrão de consumo; das novas tecnologias da informação e da comunicação, que permitiram acesso quase que irrestrito aos centros difusores dos valores culturais dominantes; e da indústria cultural, que detém importantíssima contribuição na difusão dos signos e elementos simbólicos da cultura, os países centrais exercem uma dominação cultural sobre os países periféricos. Esta dominação prolonga-se da relação externa entre os Estados nacionais para a relação interna entre as classes que compõem a estrutura de poder, gerando uma cultura da dependência no subdesenvolvimento” (Borja, 2009, p. 248).

¹⁵ Alguns assuntos podem ser citados como insuficientes na obra de Celso Furtado, como a dependência financeira, como Bastos (2007) demonstra, além de questões relacionadas ao seu pensamento reformista.



As Formas De Inserção Na Civilização Industrial E A Questão Da Dependência: Uma Análise Das Contribuições De Celso Furtado – Rafael Unger

de subdesenvolvimento, além de colocar a questão do desenvolvimento (não meramente econômico, mas em amplitude mais humanista) como um “mito”.

Este movimento, internamente, faz com que as minorias elitizadas se identifique cada vez mais com as áreas desenvolvidas do que com suas populações locais, o que impacta na forma que o Estado destas áreas subdesenvolvidas assumem, inclusive em sua fase de modernização. Do ponto de vista externo, o que se nota é o aprofundamento cada vez maior da dependência externa, principalmente com o advento da industrialização substitutiva, decorrente não de uma intencionalidade interna de redução do hiato entre diversificação da demanda e capacidade produtiva, mas sim de restrições à capacidade de importar em virtude das crises do setor exportador e dos problemas cambiais (como é claro no caso brasileiro), que trará impactos no tipo de indústria que este esforço industrial (em ambas as fases demonstradas) irá formar em maior proporção.

Por fim, não se pode ignorar a preponderância da empresa externa e seus objetivos estranhos a um planejamento com vínculo mais nacional, acentuando ainda mais a dependência externa. Além disso, quando inspirado no caso brasileiro, Furtado (1992), o autor mostra que este domínio, além de reduzir a capacidade de ação estatal em prol de objetivos internos a fim de gerar condições favoráveis para a concorrência internacional das grandes empresas estrangeiras, acentua as tensões inter-regionais (muito importantes em países de grande dimensão territorial como o Brasil) e eleva o distanciamento das classes possuidoras dos grandes aglomerados em condições de extrema pobreza.

“Em um país ainda em formação, como é o Brasil, a predominância da lógica das empresas transnacionais na ordenação das atividades econômicas conduzirá quase necessariamente a tensões inter-regionais, à exacerbação de rivalidades corporativas e à formação de bolsões de miséria, tudo apontando para a inviabilização do país como projeto nacional”. (Furtado, 1992a, p. 35)

Para a definição de uma agenda maior para uma mudança estrutural das áreas subdesenvolvidas, principalmente a brasileira, com suas especificidades, Celso Furtado



As Formas De Inserção Na Civilização Industrial E A Questão Da Dependência: Uma Análise Das Contribuições De Celso Furtado – Rafael Unger

(junto com outros grandes intérpretes da historiografia brasileira) precisa ser relembrado em seus aspectos fundamentais, e é neste esforço que se destina este breve artigo.

6. Referências Bibliográficas

BASTOS, Pedro Paulo Zahluth. Centro e Periferia no Padrão Ouro-Libra: Celso Furtado Subestimou a Dinâmica da Dependência Financeira? *Economia*, v. 8, n. 4, p. 169 – 197, Dezembro 2007.

BORJA, Bruno. Celso Furtado e a cultura da dependência. *OIKOS*, v. 8, n. 2, p. 247 – 262, 2009.

FURTADO, Celso. *A Pré-revolução brasileira*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1962.

FURTADO, Celso. *O mito do desenvolvimento econômico*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

FURTADO, Celso. *A Hegemonia dos Estados Unidos e o Subdesenvolvimento da América Latina*. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 1978.

FURTADO, Celso. Estado e empresas transnacionais na industrialização periférica. *Revista de Economia Política*, v. 1, n. 1, p. 41 – 49, Março 1981.

FURTADO, Celso. *A Nova Dependência: dívida externa e monetarismo*. 5ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1983.

FURTADO, Celso. *Brasil: A Construção Interrompida*. 3. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

FURTADO, Celso. O subdesenvolvimento revisitado. *Economia e sociedade*, v. 1, n. 1, p. 5 – 19, Agosto 1992.

FURTADO, Celso. *Introdução ao desenvolvimento: enfoque histórico-estrutural*. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FURTADO, Celso. *Teoria e política do desenvolvimento econômico*. 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FURTADO, Celso. *Raízes do subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FURTADO, Celso. *Criatividade e dependência na civilização industrial*. Ed. Definitiva. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2008.